

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO

COLEÇÃO DE OBRAS RARAS

VII

VIAGEM
PELO NORTE DO BRASIL

NO ANO DE 1859

PRIMEIRO VOLUME

ROBERT AVÉ-LALLEMANT

traduzido do original alemão por
EDUARDO DE LIMA CASTRO



RIO DE JANEIRO
1961

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO

COLEÇÃO DE OBRAS RARAS

VII

Título original alemão:

REISE DURCH NORD-BRASILIEN

IM JAHRE 1859

Leipzig: F. U. Brockhaus — 1860

Tradução de

EDUARDO DE LIMA CASTRO

Revisão estilística da Seção de Publicações do INL

Reservados os direitos de tradução para a língua portuguesa

ROBERT AVÉ-LALLEMANT

VIAGEM
PELO NORTE DO BRASIL

NO ANO DE 1859

1º VOLUME



AM 918.1
A 92482
V. 1

INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
RIO DE JANEIRO

1961

PREFÁCIO

A mão protetora da Providência levou-me a salvo, em outubro do ano passado, novamente a minha cidade natal. Encontrei no meu regresso à pátria, já impressa, a narração de minha Viagem pelo Sul do Brasil, cujo manuscrito enviara do Rio de Janeiro, em 1858, de maneira que só pude fazer a revisão das últimas fôlhas antes de ser dada à publicidade.

Quase nada tenho a acrescentar ao prefácio, já enviado para a minha Viagem pelo Sul, ao desta Viagem pelo Norte. É a repetição do pedido de indulgência para a narração dum médico de hospital, que nunca teve pretensões ao nome de naturalista, seja zoólogo, botânico ou mineralogista. Contando com a indulgência solicitada, conservei também este texto tal qual o escrevi durante minha viagem, na Bahia, Canavieiras e pelos rios locais, mais tarde em Pernambuco e Maceió, no Pará, em Manaus e Tabatinga, na fronteira peruana, sem alterá-lo, limitando-me, apenas a algumas correções nos apontamentos então escritos. Sobretudo minhas descrições do Rio Amazonas estão inteiramente inalteradas, tais como as escrevi no "rio das mil ilhas", no seu percurso de 500 milhas geográficas, do Pará a Tabatinga. O inverno do Norte, durante o qual fiz a revisão do meu esboço do portentoso rio, não me quis inspirar mais viva descrição do quadro tropical sul-americano sob o equador. Muito do que aí caberia, tenho que reservar para depois.

Publicaria, destarte, tranqüila e alegremente as fôlhas aqui reunidas, se não tivesse mais uma vez de voltar a um acontecimento muito sério de minha viagem.

No primeiro volume de minha Viagem pelo Sul do Brasil, tive o prazer de poder esboçar um quadro singelo da alegre e pujante prosperidade duma colônia alemã, de colonos não sujeitos a condições servis e às injunções especulativas dum empresário parti-

cular. No primeiro volume da presente narração de viagem, tenho infelizmente de esboçar um quadro inteiramente oposto, o da lenta ruína de numerosos imigrantes, na mais negra miséria, num rio do sul da Província da Bahia, o Mucuri, o triste resultado da especulação empreendida por uma sociedade anônima.

A propósito de sedutoras cartas provenientes dessa região, já escrevi, num opúsculo publicado em Hamburgo em 1859, sôbre os tristes acontecimentos à margem daquele rio, e julgara desnecessário voltar novamente a êles, se não me tivesse surpreendido grandemente o desenrolar dessa tragédia. Tive por isso de relatá-los mais uma vez, para esclarecimento da verdade, advertência à emigração impensada, castigo daqueles que colaboraram nesse grave erro e daqueles que os deixaram impunes.

Volto-me formalmente para as autoridades do govêrno da nossa pátria alemã, suplicando-lhes, instantemente, se interessem com urgência pela sorte dos emigrantes alemães para o Brasil.

Diversos estados alemães, se não me engano precedidos pelo Reino da Baviera, numa atitude de excessivo rigor, proibiram abertamente a emigração para o Brasil. Muito mais acertadamente agiu o alto Ministério Prussiano do Comércio tomando, a 3 de novembro do ano passado, medidas muito sérias contra concessões para aliciamento de emigrantes para êsse país. Enquanto, porém, houver especuladores particulares nesse Império, que quizerem aliciar emigrantes alemães para substituir sua escravatura moribunda, enquanto essa espécie de comércio de carne humana na Alemanha não fôr punida com as mais severas penas, muitos dos nossos simples e confiantes compatriotas serão seduzidos e vendidos para servir a interêsses particulares no Brasil, sobretudo enquanto de lá chegarem cartas alicientes, noticiosas de sucessos, subscriptas por muitos nomes e publicadas pela imprensa — cartas alicientes que são “escritas espontâneamente por amistoso convite do empresário de colônias” — declarações de sucessos cujos signatários, na maioria, amaldiçoam a hora em que se deixaram engodar e emigraram ou que certamente são bem tratados pelos especuladores, por terem certa educação, saberem escrever bem em favor da emprêsa a que servem e que, por dinheiro ou promessas, se tornam excelentes cha-

marizes. As coisas chegaram a ponto, nalgumas dessas armadilhas, de arranjamem astutamente com alguns governos a nomeação de vice-cônsules para pessoas ligadas a essas emprêsas especuladoras, que estão na maior dependência delas e que, se não querem perder o pão, se prestam a ajudar a atrair e escravizar seus compatriotas e depois informar oficialmente sôbre seu bem-estar.

Enquanto aquêles que, como dirigentes do Estado, têm nas suas mãos os destinos do Brasil não se atravessarem sèriamente no caminho das emprêsas colonizadoras especulativas de particulares, que arruinam o imigrante crédulo e o bom nome do Brasil no estrangeiro; enquanto, sobretudo, os agentes do govêrno brasileiro na Alemanha não fôrem enèrgicamente solicitados para que não auxiliem o aliciamento de emigrantes para emprêsas particulares; enquanto não se lhes tornar obrigatório advertirem-nos oficialmente, sempre que tais emprêsas particulares se iniciam em regiões, nas quais, notòriamente ou com grandes visos de verdade, pressupostas condições de insalubridade põem em grande perigo a vida dos imigrantes alemães — nenhum novo elemento livre imigratório alemão poderá prosperar no Brasil. Será muito melhor navegar novamente para a costa da África e arranjar-se, como dantes, com Moçambique, Loanda e Inhambana como, aliás, foi há pouco calorosamente sugerido na imprensa brasileira. É muito melhor o tráfico de escravos, do que o embuste contra pobres imigrantes alemães.

* * *

A circunstância de não ter podido fazer pessoalmente a revisão de minha Viagem pelo Sul do Brasil e, graças à minha péssima caligrafia, muitos nomes de história natural e geográficos não terem sido lidos com exatidão, foram a causa dos muitos erros no respectivo texto, dos quais os seguintes me deram mais na vista:

VOL. I. — À pág. 18, alínea 11: Os pequenos habitantes do mar chamam-se copépodes e não coipépodes. À pág. 25 quis mostrar a inconstância do destino humano e escrevi: Até que o cato-

licismo seja também expulso de lá, e não cresça (alínea 7 v.u.) () como reza a "Sentinela" protestante. À pág. 39, alínea 11 v.u., deve ser kalkhöle em lugar de kalkseite, e à pág. 41, alínea 8 v.u.: macroglossa em lugar de macroglorra. À pág. 54, alínea 12 v.u.: carica transformou-se em carcia, e à pág. 69, alínea 1 v.u.: sterna em sterea. À pág. 70: os animais que se encontram nas Ilhas dos Abrolhos devem chamar-se copépodes, aplisídeos e balistes. À pág. 84, alínea 4, escrevi sem dúvida bertolécias; a árvore, porém, é a muito aparentada lecythis ollaria. À pág. 86, alínea 7, o morpho chama-se eurilochus. À pág. 106, alínea 7, ler tillandsien em lugar de tillondsien. À pág. 109, alínea 2, catraia em lugar de catraca. À pág. 113, alínea 9 v.u., carne-sêca em lugar de sêco. À pág. 119, alínea 1, ler vacacaí. À pág. 119, alínea 14 v.u., ler bauínias em lugar de busínias, como as bauínias foram muitas vêzes erradamente impressas no decorrer de tôda a obra.*

E finalmente deve-se ler:

À pág. 123,	alínea 3 v.u.:	pontederien.
" "	124, "	11 v.u.: bombáceas.
" "	148, "	8 v.o.: waldleiche.
" "	149, "	9 v.o.: ferrador.
" "	184, "	4 v.o.: schereen.
" "	187, "	4 v.o.: martinho pescador.
" "	225, "	1 v.o.: teguirin.
" "	243, "	7 v.o.: bomba.
" "	346, e seguintes,	ler sempre: Itaqui.
" "	415, alínea 15 v.o.:	cesalpinien.
" "	439, "	3 v.o.: eupidendros.
" "	440, "	7 v.o.: malpighiáceas.
" "	440, "	12 v.o.: jussieuas.
" "	485, "	4 v.o.: Lagoa dos Quadros.

Às páginas 148 e 449 há um erro zoológico: o ferrador é uma prócnias.

(*) v.u. abreviatura de "contando de baixo" e v.o. "contando de cima".
N. do T.

VOL. II. — À pág. 3 e outras: o vapor chamava-se “Imperador”. À pág. 20, alínea 6, não é certamente grés psamítica, e sim diorite combinado com granito.

À pág.	22,	alínea	1	v.u.,	ler:	Biguaçu.
”	”	35,	”	3	v.o.,	” Dr. Vieira.
”	”	41,	”	18	v.o.,	” Itajaí.
”	”	41,	”	6	v.u.,	e depois, ler sempre: Freguesia.
”	”	48,	”	16	v.u.,	ler: Barranco (pág. 50, alínea 12, o mesmo).
”	”	55,	”	17	v.o.,	” Esfriador.
”	”	77,	”	13	v.u.,	” térrea.
”	”	86,	”	13	v.u.,	” Coutinho.
”	”	109,	”	2	v.u.,	” varonil.

À pág.	130,	alínea	7	v.o.,	ler:	feijão não entre parêntesis, e ainda melhor, feijão.
”	”	157,	”	2	v.o.,	” Cachoeira.
”	”	260,	”	4	v.u.,	” Passa-dois.
”	”	261,	”	16	v.o.,	” Aqui falta uma linha: “Subi e desci o Rio das Tijucas Grandes, depois fui pelo Itajaí acima, até ao seu Salto”, porquanto no Rio das Tijucas não há nenhum Salto que eu tenha visitado.

À pág.	266,	alínea	9	v.u.,	ler:	íbis (plumbens?).
”	”	267,	”	12	v.u.,	” anu.
”	”	270,	”	13	v.u.,	” dilatação.
”	”	280,	”	14	v.u.,	” tinnamu.
”	”	283,	”	14	v.u.,	” disse Euterpe edulis em lugar de Euterpe oleracea.
”	”	286,	”	11	v.u.,	” jacutinga.
”	”	304,	”	8	v.o.,	” Rio Bonito.

À pág. 304, alínea 5 v.u., ler: leuco em lugar de luno.
 " " 309, " 7 v.o., " Compramos para êle.
 " " 333, " 10 v.o., " ledum.
 " " 375, " 10 v.o., " A antiga missão no Uru-
 guai chama-se S. Borja, e
 não Sta. Borja. No pri-
 meiro volume deve tam-
 bém chamar-se sempre as-
 sim.

À pág. 246, alínea 7 v.u.: As aspas não devem vir depois
 de Surra e tronco e sim antes.
 Surra e tronco foi o meu adita-
 mento.

Para todos êstes erros, que caíram sob minhas vistas na li-
 geira leitura que fiz de minha Viagem pelo Sul do Brasil, e outros
 em que talvez não tenha reparado, peço encarecidamente a indul-
 gência dos meus caros leitores. Espero ter conseguido evitar idên-
 ticas deficiências no presente texto.

Lübeck, fevereiro de 1860.

O AUTOR



AVISO

**DEVIDO AO TAMANHO ORIGINAL DO DOCUMENTO.
NÃO FOI POSSÍVEL DISPONIBILIZAR O SEU CONTEÚDO
NA ÍNTEGRA. PARA TER ACESSO AO ARQUIVO DIGITAL
COMPLETO, POR FAVOR, ENTRAR EM CONTATO COM A
GERÊNCIA DE ACERVOS DIGITAIS NO
CENTRO CULTURAL DOS POVOS DA AMAZÔNIA.**

FONE: (92) 2125-5330

FAX: (92) 2125-5301

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM



Secretaria de
Estado de Cultura



**CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA**